



Meios de Comunicação Tradicionais X Mídias Alternativas, Como Está a Qualidade da Informação que Chega à População?¹

Ana Paula Souto Evangelista¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

O objetivo deste trabalho é mostrar que meios de comunicação alternativos como os *blogs*, *sites* de relacionamento e fóruns de discussão, entre outros, estão cumprindo um papel importante de informar a população e de provocar debates. Estes meios estão, cada vez mais, pautando as mídias tradicionais como a televisão, o jornalismo impresso e o rádio. Também vamos mostrar que apenas uma pequena parte da população tem contato com estes meios, oferecidos apenas para quem têm acesso à internet. E que, apesar de faltar apoio governamental, estas novas formas de comunicação estão conseguindo desenvolver uma postura crítica nos envolvidos provocando mudanças nos dois lados: nos que criam e nos que recebem a informação.

Palavras-chave

Jornalismo *on-line*, cultura, meio ambiente, meios alternativos.

Fora do jornalismo tradicional estão surgindo alternativas para fugir da mesma pauta, imposta pelos grandes monopólios midiáticos. As notícias são as mesmas em todos os canais de televisão, no jornalismo impresso e nas estações de rádio.

Os principais motivos apontados para o que está acontecendo não só no Brasil, como em diversas partes do mundo, é a demissão, quase que diária, de milhares de profissionais da área de comunicação, a captação de informações da mesma fonte e a globalização, que cobra investimentos em tecnologia para gerar mais competitividade.

Mudaram as formas de se fazer jornalismo, mas não aconteceram mudanças em relação aos proprietários dos principais meios - os canais continuam a ser usados como barganhas políticas - que, ao mesmo tempo em que captam informações, também distribuem e comercializam-nas a públicos específicos.

De acordo com Ciro Marcondes Filho (1986):

“atuar no jornalismo é uma opção ideológica, ou seja, definir o que vai sair, como e com que destaque e com que favorecimento, corresponde a um ato de seleção e de exclusão. Este processo é realizado segundo diversos critérios, que tornam o jornal um veículo de reprodução parcial da realidade” (Marcondes, 1986, p.12).

¹ Trabalho apresentado na Sessão Cibercultura e Tecnologias da Comunicação, da Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

¹ Graduada em Comunicação Social – habilitação em jornalismo pela UFRN.



Mas, apesar do panorama não estar favorável para os profissionais da área de comunicação (poucos são os demitidos que conseguem se empregar novamente nos MCM tradicionais), usando a criatividade e gastando pouco diversas pessoas estão vencendo barreiras, ganhando representação, divulgando seus produtos/serviços e sendo ouvidas. Dentro deste contexto podemos citar os *blogs, sites* de relacionamento como o orkut e os fóruns de discussão.

Todas estas novas formas de comunicação só podem ser acessadas e divulgadas pela rede mundial de computadores, ficando ainda restritas a uma pequena parcela da população.

Segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em parceria com o CGI.Br (Comitê Gestor da Internet no Brasil), apenas 21% dos brasileiros (32,1 milhões) de 10 anos ou mais de idade acessaram pelo menos uma vez a internet em algum lugar por meio de computador. Os acessos foram feitos de suas próprias residências, de locais de trabalho, de estabelecimento público ou privado, através de empresas e de qualquer outro meio.

Estas informações estão inclusas no suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD² de 2005 sobre acesso à internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Outro dado importante da pesquisa mostra que diversos fatores como nível de instrução, rendimento, e a idade apresentam reflexos evidentes no acesso à internet.

Neste texto, queremos mostrar que ainda são poucos os que conseguem contactar à rede, mas, mesmo assim, as mudanças estão sendo visíveis e têm se refletido em diversos setores da economia e da cultura provocando e despertando pessoas informadas apenas pelas mídias tradicionais. Cada vez mais, as informações estão deixando de ter intermediários, chegando aos cidadãos de uma forma mais simples e direta.

Queremos divulgar a importância destas mídias não tradicionais, e a criação de um novo tipo de comunicação, que visa expandir a informação comunitária e alternativa, sem fins comerciais, através de representações feitas pelo seu próprio povo. Porque como citou Roberto Elísio dos Santos (1992): “A única possibilidade de escapar à visão de mundo projetada pelos meios de comunicação se encontra nas manifestações

² Informação retirada do site de inclusão digital do Governo Federal
<http://www.inclusaodigital.gov.br/inclusao/noticia/ibge-divulga-pesquisa-sobre-acesso-a-internet>. Acesso feito no dia 4 de abril de 2008.



culturais oriundas das camadas mais pobres da população ou na utilização de meios alternativos”. (Santos, 1992, p.23)

Vamos priorizar o estudo destas novas mídias em um município onde não existe uma publicação de jornal – o que existia circulava principalmente no verão com periodicidade mensal – e apesar de chegarem notícias através de meios de comunicação tradicionais como rádio, televisão e jornais impressos, estas informações não são produzidas pela comunidade. Um projeto, realizado inicialmente com o apoio do BNB (Banco do Nordeste do Brasil), possibilita a transmissão de um canal de televisão alternativo, chamado TV Pipa. Apesar de perder o apoio do BNB, filmes e documentários ainda continuam a ser exibidos naquele povoado.

Nosso objetivo é mostrar o que a mídia *on-line* tem divulgado sobre o meio ambiente na praia da Pipa, distrito de Tibau do Sul, litoral sul do estado, distante 80 quilômetros de Natal. Pois, apesar de já ter sido considerada diversas vezes como sendo uma das praias mais bonitas do litoral brasileiro, nos últimos anos ela se transformou com a especulação imobiliária e a destruição de suas matas nativas.

São vários os fatores que preocupam os habitantes da Pipa: a insegurança, a dificuldade de acesso à educação e a saúde de boa qualidade, falta de incentivo à cultura, ao esporte e ao lazer, levando muitos jovens a entrarem no caminho das drogas e do álcool, ocupação desordenada do solo, entre outros.

Apesar disso, são poucos os jornais e os jornalistas, da capital do RN, que citam estas dificuldades. As matérias publicadas têm apelos comerciais, ou se apresentam em forma de anúncios de festas, inaugurações de bares ou de restaurantes.

Durante acesso ao *site* da Tribuna do Norte, um dos maiores jornais em circulação e com maior alcance no Rio Grande Norte, (www.tribunadonorte.com.br), no dia 5 de abril de 2008, foram encontradas 185 notícias sobre Pipa. Em aproximadamente 10% dos resultados a palavra é sinônimo de brincadeira de criança e o restante cita a praia do RN.

O número de matérias relacionadas não é pequeno, se considerarmos que o jornal circula em Natal, mas o que chama a atenção é que menos de 8% (entre 10 e 15 matérias e notas) estão relacionadas a notícias que poderiam provocar interesse na população.

Em sua coluna diária, a jornalista Eliana Lima cumpre bem o papel de informar quando trata da insegurança que vem acometendo a cidade, citando passeatas



programadas para acontecerem e criticando as autoridades locais quando pessoas são assaltadas. Uma das notas foi publicada no dia 27 de janeiro de 2008.

O mesmo acontece na coluna Panorama Político, publicada em julho de 2007, quando a jornalista Ana Ruth Dantas faz referência a ministra de Turismo Marta Suplicy, que durante a segunda etapa do Plano Aquarela, em Natal, assinou um convênio no valor de R\$ 10,7 milhões destinado para a implantação do sistema de esgotamento sanitário da praia da Pipa.

Outras duas matérias sobre a área de segurança também cumprem o seu papel ao informar a população e de fazer alertas sobre o abuso de drogas e álcool. Uma foi publicada no *site* no dia 21 de fevereiro de 2006 e a outra no dia 7 de setembro de 2007, na sessão Cidades.

Uma das poucas notícias que citam a questão ambiental de Pipa, no periódico on-line, descreve o Santuário Ecológico da Pipa, dentro da coluna Clube do Assinante. Foi publicada no dia 3 de março de 2008, com o título “Santuário Ecológico: Ecoturismo á beira-mar”. O texto registra as vantagens do ecoturismo e o projeto organizado pelo inglês David Hasset³.

Em outro acesso realizado no dia 5 de junho, o mesmo jornal faz um alerta que o Estado não tem cumprido metas para proteger o meio ambiente:

“No Rio Grande do Norte, a análise feita pelo supervisor de Disseminação de Informações do IBGE, Ivanilton Oliveira, demonstra que apenas 10% do lixo coletado têm a destinação adequada, 20% da população é servida por rede de esgotos, a desertificação no Seridó continua sendo uma preocupação, a ocupação do litoral é cada vez mais intensa, os gastos públicos com o meio ambiente são quase nulos”. (www.tribunadonorte.com.br)

Mais de 80% das notícias, publicadas neste *site* sobre Pipa, anunciam festas e ‘baladas’⁴, fazendo propagandas de restaurantes e de bares. E também oferecem opções de lazer, aluguel de casas, entre outras.

Até que ponto podemos considerar que este periódico está cumprindo o seu papel? Esta questão é levantada por um dos mais conceituados estudiosos da mídia latino-americana, Jesus Martin-Barbero (2004), no artigo “Globalização comunicacional e transformação cultural”.

Segundo o autor, “a nova cultura organizacional ou a descentralização política; seja fazendo da comunicação de massas um sinônimo daquilo que nos engana e

³ Proprietário do Santuário Ecológico da Pipa, dono da Cultura Inglesa, em Natal e defensor do meio ambiente e da praia da Pipa.

⁴ A palavra tem origem francesa e, antigamente, significava música. Atualmente é sinônimo de festas para pessoas mais jovens



manipula, nos desfigura como países e nos destrói culturalmente como povos” (Martin-Barbero, 2004, p.63). Para Martin-Barbero (2004), os MCM são parte decisiva do processo.

Então, por que algumas pautas têm mais destaques nas redações e outras não? Como explicar demissões em massa, se os jornais têm maiores lucros a cada ano? Por que profissionais são demitidos e a qualidade da informação que circula é cada vez pior?

Podemos levantar outra pergunta: por que quase nenhum meio de comunicação denuncia que a Pipa está sofrendo invasões imobiliárias e que suas praias já não são tão limpas? E por que ninguém fala sobre as construções de pousadas e de hotéis em cima de falésias e da falta de esgotamento sanitário? Será que, mais uma vez, os interesses de poucos irão se sobressair sobre os da maioria?

Não, se depender da coragem e da determinação de alguns moradores do povoado, que estão se organizando e decididos a enfrentar as dificuldades. Mas, para conseguir derrubar estas barreiras, impostas pelos meios de comunicação, que insistem em manipular a informação, dificultando o acesso do ‘homem’ comum, é necessário que, cada vez mais, a população utilize um instrumento usado para este fim, a internet.

Uma expressão do estudioso da mídia Manuel Castells (2004) coloca que a “internet é o tecido de nossas vidas neste momento. Não é futuro. É presente. Internet é um meio para tudo, que interage com o conjunto da sociedade. É através dele que as transformações estão acontecendo.” (Castells, 2004, p.55)

Meios *on-line*

Além de fazer buscas com o nome de Pipa no *site* da Tribuna do Norte também realizei, no dia 11 de abril, uma pesquisa no *site* do Diário de Natal (www.dnonline.com.br) encontrando 143 resultados com este nome. Apesar do número elevado, poucas destas matérias estavam relacionadas ao meio ambiente ou continham informações jornalísticas. A única encontrada foi uma denúncia feita pela equipe do jornal sobre a destruição da mata atlântica.

Segundo a reportagem, ao acompanhar o promotor João Batista Machado, do meio ambiente, a uma vistoria ao local onde será construído um parque ecológico naquela praia, se depararam com ocupações desordenadas, lixo nas encostas e ZPP (Zonas de Proteção Permanentes) invadidas.



Na notícia, o Ministério Público prometia entregar um documento cobrando explicações ao IDEMA (Instituto de Defesa do Meio Ambiente do Rio Grande do Norte)⁵ e deveria preparar um Termo de Ajustamento de Conduto com uma agenda de ações para serem cumpridas pelo órgão, já que para o promotor, Pipa “possui um histórico de grandes devastações, principalmente pela especulação imobiliária e a procura pela Guarabiraba, madeira utilizada em móveis antigos de decoração”.

Ainda podemos levantar uma outra questão interessante: a forma como as informações são divulgadas em *sites* governamentais, sendo bem diferentes destas conclusões observadas pelos promotores.

Em uma matéria divulgada no dia 19 de fevereiro de 2008 (antes da visita dos promotores), na página do DEI (Departamento Estadual de Imprensa), ao fornecer detalhes de como será a transformação da mata da Pipa em área de preservação ambiental o texto explica a necessidade de transparência no processo e que não existe empecilhos, nem casos de posses e nem de títulos no local⁶.

“A área, que dispõe de 294 hectares de Mata Atlântica, já está sendo cercada. No local não foi identificado nenhum caso de posse nem de título. Isso facilitou o trâmite para que logo fosse considerada um parque ecológico. Agora a PGE (Procuradoria Geral do Estado) vai declarar a Mata da Pipa como área devoluta estadual, para depois arrecadar as terras e registrar no Cartório de Registros de Imóveis como Patrimônio Próprio do Estado”. (www.dei.gov.br)

Também foram feitos acessos ao google com a palavra “Pipa”, mas, apesar de surgirem muitos resultados, quase nenhum deles levava a periódicos, canais de televisões ou quaisquer outros meios jornalísticos. Somente os dois primeiros nomes levaram ao *site* (www.pipa.com.br), divulgado por um jornalista, e ao projeto Pipa Sabe, criado com o apoio do professor da USP (Universidade de São Paulo), Gilson Schwartz. Grande parte dos resultados, no entanto, abrangem somente *sites* de turismo. O mesmo aconteceu durante pesquisa no Yahoo (www.yahoo.com.br), realizada no dia 5 de abril de 2008, no qual tiveram poucos resultados e praticamente nenhuma matéria com o assunto “Pipa”.

Sociabilidade na Internet

⁵ Órgão estadual responsável por zelar pelo meio ambiente. Todas as licenças para novas construções, que possam causar impacto ambiental, tem que ser autorizadas por ele.

⁶ Informações divulgadas no site do diário oficial do estado do Rio Grande do Norte (www.dei.gov.br). Acesso feito no dia 5 de abril de 2008.



Ao falarmos de meios *on-line* e de internet, não podemos deixar de lado a questão da sociabilidade na rede e o site de relacionamentos orkut (www.orkut.com), do grupo Google (www.google.com), um dos mais usados pelos internautas no Brasil.

Durante uma pesquisa, realizada no dia 14 de abril de 2008, foram encontrados mais de mil comunidades com o nome Pipa, somente na língua portuguesa. Muitas destas comunidades são dedicadas aos usuários que gostam da brincadeira de soltar pipa, também chamada de papagaio, e as outras são relacionadas com a praia do RN.

Uma das maiores comunidades chamada “Praia da Pipa”, criada em junho de 2004, já comportava 25.747 membros. O objetivo principal dela era a divulgação de pousadas, de pontos turísticos da praia e de eventos. Outra grande comunidade, que reunia mais de 12 mil membros em abril de 2008, era “Eu amo Pipa”. Uma das enquetes colocadas para votação questionava qual seria a praia mais bonita. Cento e vinte e oito pessoas participaram, na época, da votação.

A “Boate Pipa Calangos” tinha, nesta mesma data, mais de 3.100 membros, mas não destacava nenhuma enquete. Também existia a comunidade “Pipa”, que fazia apenas o *link* para o *site* pipa24h (www.pipa24h.com). Já a “Tibau do Sul/Pipa”, com mais de 1.200 membros, só tinha uma propaganda do Unibanco.

Também foi realizada uma busca com o nome “devastação da Pipa”, dentro da comunidade “Praia da Pipa”, onde o conselheiro de Tibau do Sul e participante do NEP, Éder Guimarães, faz um alerta sobre a construção de um mega empreendimento na Lagoa Guaraíras, criando o tópico “Sos Lagoa de Guaraíras”. Segundo Éder,

“a possível dragagem da lagoa e dinamitação da barra de Tibau do Sul causará uma grande destruição na cadeia alimentar (...) teremos em breve ataques de tubarões (...) nas areia da cidade do Natal”. (www.orkut.com.br)

Como o orkut emprega uma tecnologia nova, ainda existem poucos estudos sobre o que levam milhares de pessoas, todos os dias, ao redor do mundo, a procurarem contato através da rede.

A diversidade de assuntos tratados nas comunidades chama a atenção, porque ao mesmo tempo em que pessoas dividem opiniões sobre assuntos sérios – trabalho, pesquisas sobre assuntos polêmicos, viagens, buscando mais conhecimento -, milhares de internautas as usam apenas para divertimento ou para defender ‘coisas’, animais, objetivos, nem sempre tão gloriosos assim.

No livro “O que é o virtual”, Pierre Lévy (1996) explica o que, para ele, seria um dos motivos para a internet ter se espalhado tão rapidamente. “Um dos orgulhos da



comunidade que fez crescer a Net é ter inventado, ao mesmo tempo que um novo objeto, uma nova forma de fazer sociedade inteligentemente”. (Levy, 1996, p.129

Segundo dados divulgados pela pesquisadora Ellen Spertus, no dia 24 de março, no *blog* oficial (blog.orkut.com) são 45 milhões de comunidades ao redor do mundo. De acordo com informações de Spertus, o idioma mais comum das comunidades é o português, com mais de 10 vezes a quantidade de comunidades do segundo idioma mais comum, o inglês. Depois dele temos o inglês britânico.

Ao estudar quais seriam as categorias mais populares, Ellen Spertus concluiu que Brasil e Madagascar são responsáveis por 23% das comunidades relacionadas a “pessoas”, enquanto que Benin ficou com 21% da categoria “outros”. A pesquisadora também cita “alunos e escolas”, com 6,8% na Índia, a “música”, com 6,5% na Noruega e Canadá.

A questão da sociabilidade, considerada polêmica e desconhecida para muitas pessoas, e presente nos sites de relacionamento ou *networks*⁷ foi abordada por Manuel Castells (2004) no artigo “Internet e sociedade em rede”.

Quando trata deste tópico, Castells (2004) crítica a falta de conhecimento acerca de alguns jornalistas pouco informados que, segundo ele, estariam fazendo exercício de futurologia. E que enquanto alguns teriam dito que a internet aliena, isola, leva à depressão e ao suicídio, outros, ao contrário, revelaram um mundo extraordinário de liberdade, onde todo mundo só se quer bem.

Castells (2004) aponta que ainda não existem pesquisas confirmando nenhuma destas declarações. O que se afirma, através de um estudo, realizado pela British Telecom, (durante o período de um ano em diversos lares que utilizavam a internet) e citado no seu texto, não muda nada.

“Para quem as coisas estavam bem, ficaram ainda melhores, e para quem elas iam mal, continuam igualmente ruins. Quem tinha amigos, também os tem na internet e quem não os tinha, tampouco os tem na internet. (...) Isso não significa que a internet não seja importante, mas não é a internet que muda os comportamentos, mas os comportamentos que mudam a internet”. (Castells, 2004, p:273)

Ao tratar da questão do tempo/espço no livro “Modernidade Líquida”, Zygmunt Bauman (2000) coloca que existe uma grande necessidade das pessoas se relacionarem entre si, mesmo que sejam com pessoas desconhecidas. Para ele seria uma questão de

⁷ Traduzida para o português como rede é usada também, no Brasil, como redes de relacionamentos.



civilidade “a capacidade de interagir com estranhos sem utilizar esta estranheza contra eles e pressioná-los a abandoná-la ou a renunciar a alguns dos traços que os fazem estranhos”. (Bauman, 2000, p. 122)

Para Bauman (2000), esta relação se torna importante porque nela existe uma busca constante pelo outro, mesmo que ele não seja igual a nós mesmos. “A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz sozinha. Essa capacidade é uma arte”. (Bauman, 2000, p. 123)

Um dos primeiros estudiosos a tratar sobre a questão do homem e as novas mídias foi Pierre Levy (1993). No livro “As Tecnologias da Inteligência” ele discute amplamente os processos cognitivos que derivam desta relação. Ele considera que a inteligência e a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem atores humanos, biológicos e técnicos. Afirma ainda, que sozinho o homem não pode ser considerado inteligente:

“Não sou ‘eu’ que sou inteligente, mas ‘eu’ com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais. (...) Fora da coletividade, desprotegido de tecnológicas intelectuais, ‘eu’, não pensaria. O pretense sujeito inteligente nada mais é que um dos microatores de uma ecologia cognitiva que o engloba e restringe”. (LÉVY, 1993, p.135)

Outros autores, como Manuel Castells (2004) acreditam que algumas pessoas usam a internet para sair do isolamento. Mas estudos, que medem a correlação entre os indivíduos, mostram que elas sempre foram isoladas.

O problema é que muitas vezes este isolamento pode ser quebrado de forma a prejudicar o modo de vida do outro. Porque segundo Roger Silverstone (2003), apesar de estarem acontecendo transformações positivas com o uso destas novas tecnologias, também está acontecendo uma mudança nos usuários que estariam virando “ciborgues, cibernautas. (...) Os usuários são transformados por seu uso. E, como consequência, a natureza humana é, com igual certeza, transformada”. (Silverstone, 2003, p. 48)

O autor também coloca que “nossa mídia, especialmente, ampliou sua extensão e seu alcance, conferindo-nos imenso poder, mas também modificando o ambiente em que este poder é exercido”. (Silverstone, 2003, p. 48)



Neste mesmo livro, Silverstone (2003) considera que a tecnologia é uma espécie de encantamento e que existe no ser humano, cada vez mais, uma grande dependência pelo uso delas.

“Nosso envolvimento com elas é impregnado pelo sagrado, mediado por ansiedade e, de quando em quando, arrebatado por alegria. (...) O desespero que nos invade quando somos privados do acesso a elas – o telefone como ‘janela para o mundo’ – é completo (...) Nesse contexto (...), podemos ver a tecnologia como cultura: ver que as tecnologias, no sentido que inclui não só o quê, mas também o como e o por quê da máquina e seus usos” (Silverstone, 2003, p.:50)

Nestor Garcia Canclini (2005) acredita que no futuro existirão dois mundos: um para os que tiverem conhecimento com o apoio das novas tecnologias e outro para o restante da população. “O conhecimento dos dados (...) se reduz aos que podem assinar serviços de informática e, redes exclusivas de televisão, tv a cabo”. (Canclini, 2005, p. 88)

Meios Alternativos

Para Jesus Martin-Barbero (1997), está se desenvolvendo no horizonte um novo projeto que pretende mexer com antigos padrões culturais e morais: “a redescoberta do popular”. Uma nova concepção de sujeito político. É uma verdadeira “revalorização das articulações e mediações da sociedade civil, sentido social dos conflitos para além de sua formulação e síntese política, reconhecimento de experiências coletivas não enquadradas nas formas partidárias”. (Martins-barbero, 1997, p. 296)

Segundo Martins-Barbero (1997) estaria surgindo na América Latina uma valorização profundamente nova do cultural, que estaria encobrando a evasão política resultante da incapacidade de se fazer frente à crise das instituições e dos partidos. Neste caso, a suspeita tem fundamento quando “se faz cultura enquanto não se pode fazer política”. (Martin-Barbero, 1997, p. 297)

Este exemplo tem sido seguido pelos moradores da praia da Pipa. Através de pequenos investimentos como a criação de *blogs*, fóruns de discussão, *sites* alternativos, e documentários, realizados pela própria comunidade, eles têm conseguido alcançar pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo. O principal objetivo é chamar a atenção sobre o que se passa no vilarejo durante todo o ano, não só na alta temporada (de dezembro a fevereiro e nos finais de semana prolongados).

Enfatizando a importância de se criar uma forma de turismo sustentável que ajude na preservação de uma das praias mais bonitas do litoral brasileiro, apoiando os



seus habitantes, ajudando-os a ter uma renda digna, além de saúde e educação de melhor qualidade.

Um destes trabalhos, que existe há mais de 10 anos é o feito pelo Nep (Núcleo Ecológico de Pipa), uma iniciativa voluntária de um grupo de amigos que queriam evitar que atividades predatórias aumentassem sem fiscalização.

De acordo com o *site* pipa.com.br, o grupo age em Tibau do Sul, através de reuniões, mobilizações e denúncias à imprensa e ao Ministério Público. Busca conscientizar de forma ecológica, estudantes, fazendo visitas, percorrendo escolas, praias, realizando projetos de educação ambiental, eventos e mutirões de limpeza.

Também existe o Eca 13 (Espaço Cultural Alternativo), uma revista eletrônica da praia da Pipa (<http://espcultalt.sites.uol.com.br/index.html>), que reúne textos escritos pelos moradores, fotografias, painéis de quadros, contos e poesias. O *site* tem *link* para a divulgação de vídeos e documentários no *yotube* (www.yotube.com) e de *blogs* como a da Tv Pipa (www.tvpipa.org), do Nep e para os fóruns de discussão Ecopipa e Pipa.

A importância destes dois fóruns são fundamentais para chamar a atenção não só dos moradores do povoado, como de qualquer um preocupado com o que está acontecendo naquela praia.

Entre os assuntos abordados no Fórum Pipa está o de meio ambiente e de educação ambiental, um espaço para diversos grupos como o da Promotoria de Defesa do Meio Ambiente, conselhos e associações, agenda cultural, segurança pública e a discussão de assuntos polêmicos.

O objetivo do Fórum é debater sobre assuntos de interesse da comunidade, chamando todos a darem a sua opinião e apontando alternativas para a solução dos problemas.

Para Renato Ortiz (1994) está acontecendo um novo processo chamado de “mundialização da cultura”. Um fenômeno social que permeia o conjunto das manifestações culturais. “Pra existir, ele deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens. (...) uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou”. (Ortiz, 1994, p. 30-1)

Estes projetos estão preenchendo lacunas deixadas por profissionais que atuavam na área de comunicação, mas que por motivos já citados anteriormente (como o desemprego em massa, falta de recursos financeiros, entre outros), deixaram de



informar a população. Esta realidade foi descrita por Asa e Burke (2004) no livro “História Social da Mídia”.

“O ato de informar foi considerado cada vez mais problemático. Por que, com tantos comentários sobre a ‘sociedade da informação’, as pessoas não estavam adequadamente informadas? (...) ‘É a idade da informação’, (...) e ninguém sabe nada”. (ASA&BURKE, 2004, p. 273-4)

O espaço como fonte

Aos poucos, os MCM estão tendo que transformar a sua forma de fazer jornalismo, já que, cada vez mais, as pessoas cobram mudanças. Não dá mais para que a imprensa funcione da mesma forma como há 30 ou 40 anos, de forma linear, sem ouvir o público e sem avaliar o impacto causado pelas informações nem sempre verídicas.

Para Martin-Barbero (2004) temos que começar a pensar que:

”a nova tarefa do comunicador é menos de manejador de técnicas e mais de mediador que põe em comunicação as diversas sociedades que conformam cada país e nossos países entre si. (...) apesar da fascinação tecnológica e do relativismo axiológico que os manuais de pós-modernismo pregam, comunicar foi e continuará sendo algo muito mais difícil e amplo que informar, pois comunicar é tornar possível que homens reconheçam outros homens em um duplo sentido”. (Martin-Barbero, 2004, p. 70)

Pierre Lévy (1996) também defende a técnica, pela forma como ela está criando uma nova forma de trabalhar.

“A técnica possui (...) sua retórica, no sentido em que seu movimento não se limita em acumular artefatos ou ferramentas ‘práticas’ e ‘úteis’, que fazem ganhar tempo e energia. (...) A invenção técnica abre possibilidades radicalmente novas cujo desenvolvimento (...) não pode ser explicada por nenhum critério estático da utilidade” (Levy, 1996, p.85)

Não podemos concluir este trabalhando deixando de lado as mudanças que a internet têm provocado na vida de novos e antigos jornalistas que estão ‘abandonando’ os meios tradicionais de comunicação e utilizando a rede como uma importante fonte de conhecimento e de pesquisa. Além de criarem seus próprios *blogs* onde podem promover debates e denunciar fatos que não são tratados nos meios tradicionais.

Um dos mais conceituados textos publicados nesta área é o escrito pelo jornalista e pesquisador Elias Machado (2002), “O cyberspaço como fonte para jornalistas”. Neste estudo, o autor aponta as diversas mudanças que devem surgir nos próximos anos com a expansão da internet e ressalta que os profissionais da área de comunicação terão que se adaptar para permanecerem no mercado.



“Mais que ferramentas ao dispor dos jornalistas as tecnologias de circulação e armazenamento de dados são o indício de fenômeno mais amplo que exige diferentes habilidades dos profissionais do jornalismo”. (Machado, 2002, p. 4)

Uma outra importante colocação do autor é sobre o novo tipo de fonte que está surgindo no ciberespaço, sendo totalmente diferente da existente. Dentro da estrutura descentralizada, criada pela internet, estão surgindo outras fontes, além das oficiais complicando o trabalho de apuração:

“Na medida que a arquitetura descentralizada do ciberespaço desarticula o modelo clássico, o exercício do jornalismo nas redes telemáticas depende do estabelecimento de critérios capazes de garantir a confiabilidade do sistema de apuração dentro de um entorno com as especificidades do mundo digital” (Machado, 2002, p. 6).

Elias Machado (2002) explica que pela primeira vez, no espaço virtual denominado de ciberespaço, os movimentos sociais estão deixando de ser dependentes.

Em livro de sua autoria, “Ofícios de Cartógrafo”, Jesus Martin-Barbero (2004) coloca que a tecnologia é o grande mediador entre os povos “quando o que a tecnologia medeia hoje mais intensa e aceleradamente é a transformação da sociedade em mercado”. (Martin-Barbero, 2004, p.229)

O filósofo alemão Jürgen Habermans (2006) é totalmente contrário as novas tecnologias que, para ele, abrem espaço para que qualquer um participe, tirando o intelectual do mercado. A esfera pública está abrindo espaço para que as discussões não tenham mais temas importantes.

“Por um lado, a reorientação da comunicação, da imprensa e do jornalismo escrito para a televisão e a internet conduziu a uma ampliação insuspeitada da esfera pública midiática e a uma condensação impar das redes de comunicação. (...) Por outro lado, os intelectuais parecem morrer sufocados diante do transbordamento desse elemento vivificador, como se fosse administrado em overdose. (...) A utilização da internet simultaneamente ampliou e fragmentou os nexos da comunicação”. ((HABERMANS, 2006, p.4)

Considerações finais

Como já previa Hans Magnus Enzensberger (2003), há mais de 30 anos, não aconteceriam mudanças sem que a sociedade interviesse no processo da comunicação e apenas emitisse e recebesse a informação sem que também participasse dela. Porque para Enzensberger,

“É absolutamente evidente que a indústria da consciência nas atuais formas da sociedade não pode satisfazer nenhuma das necessidades das quais ela vive e que por isso deve estimular a não ser em formas ilusórias de jogo. Entretanto o que interessa não é desconstruir as suas promessas, mas tomá-las ao pé da letra



e mostrar que elas só podem ser cumpridas por meio de uma revolução cultural”. (ENZENSBERGER, 2003, p. 64)

Para que estas mudanças aconteçam, segundo o autor, deve existir o fim do isolamento de cada um, através da união e da organização de diversos participantes, em prol do bem comum.

De acordo com a visão de Jesus Martins-Barbero (2004), “confundir a comunicação com as técnicas ou as mídias é tão deformante quanto pensar que eles são exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação, o que equivale a desconhecer a materialidade histórica das mediações” (Martin-Barbero, 2004, p. 235)

Podemos concluir que este “rolo compressor” chamado internet não vai parar por aí, muito pelo contrário, a tendência é que, a cada dia, mais e mais pessoas terão acesso a ela. Basta lembrarmos que o computador só foi criado há 30 anos.

Manuel Castells (2004) acredita que ainda teremos grandes mudanças na área de comunicação com estes novos profissionais que estão surgindo no que ele chama de nova esfera pública. E que nada, nem ninguém irá detê-los:

“As trancas do acesso á esfera pública rompem-se umas depois das outras. Nem os editores, nem os redatores-chefes de revistas ou jornais, nem os produtores de rádio ou televisão, (...) podem mais controlar as informações e mensagens (...) que circulam na nova esfera pública. Com a previsível perda de influência dos mediadores culturais tradicionais, esta nova situação anuncia um salto precedente na liberdade de expressão.”. (Castells, 2004, p.371)

Para o espanhol Vicente Romano (1998), existe uma grande importância acerca dos estudos sobre os MCM, que, segundo ele, não podem deixar de estar presentes. “La sociedade se difere cada vez más por la comunicación que se produce y circula em ella”. (Romano, 1998, p.116)

Como jornalistas, temos duas formas de agir nos próximos anos. A primeira é esperando que as coisas aconteçam sem fazer nada, deixando que as informações continuem a serem feitas pelos grandes monopólios, de forma a manipular as pessoas. A outra forma de agir é fazendo parte de todo o processo e mostrando o que existe do outro lado, onde poucos têm como chegar e indicar-lhes uma direção.

“Mais que em objetos de políticas, a comunicação e a cultura se convertem em um campo primordial de batalha política: o estratégico cenário que exige à política a recuperação de sua dimensão simbólica – sua capacidade de representar o vínculo entre os cidadãos, o sentimento de pertencer a uma comunidade – para enfrentar a erosão da ordem coletiva”. (Martin-Barbero, 2004, p.226).



Referências bibliográficas:

BRIGGS, A & BURKE, Peter. **Uma história social da mídia:** de Gutemberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia . **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2005.

CASTELLS, Manuel. **Internet e sociedade em rede**. In: MORAES, Dênis (org). **Por uma outra comunicação:** Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro. Editora Record, 2004. .

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia**. São Paulo. Editora Ática, 1986.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. (Tradução Cláudia S. Dombusch). São Paulo. Conrad Editora do Brasil, 2003.

HABERMANS, Jurgen. **O Caos na esfera pública**, publicado pelo jornal Folha de São Paulo na coluna Mais do dia 13 de agosto de 2006.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. (Tradução Carlos Irineu da Costa). Rio de Janeiro. Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **Pela ciberdemocracia**. In: MORAES, Dênis (org). **Por uma outra comunicação:** Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro. Editora Record, 2004. .

LÉVY, Pierre.. **O que é o virtual?** (Tradução de Paulo Neves). Rio de Janeiro. Editora 34, 1996.

MARTIN- BARBERO, Jesus. **Dos meios as mediações**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 1997.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In: MORAES, Dênis (org). **Por uma outra comunicação:** Mídia, mundialização cultural e poder.. Rio de Janeiro. Editora Record, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesus Martin. **Ofícios de Cartógrafo**. São Paulo. Editora Loyola, 2004.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo. Brasiliense, 1994.

ROMANO, Vicente. El tiempo y el espacio em la comunicaci3n. Editores Hondarribia (Guipúzcoa), Hiru, 1998

SANTOS, Roberto Elísio. Introdução á Teoria de Comunicação. São Bernardo do Campo. Editora do IMS. 1992.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia. São Paulo. Edições Loyola, 2004.